

# Um Conto de Natal

## Charles Dickens

### PRIMEIRA ESTROFE

#### *O espectro de Marley*

Para começar, digamos que Marley tinha morrido.

Neste particular, não pode haver absolutamente a menor dúvida; a ata dos seus funerais havia sido assinada pelo vigário, pelo sacristão, pelo homem da empresa funerária e pelas pessoas que haviam conduzido o féretro.

Scrooge também a tinha assinado. Ora, Scrooge era um nome bastante conhecido na Bolsa, e sua assinatura era um documento valioso, onde quer que ele a colocasse. O velho Marley estava tão morto como um prego de porta.

Perdão! Não quero dizer com isto que saiba por experiência pessoal o que possa haver de particularmente morto num prego de porta. Por mim, eu estaria mais inclinado a considerar um prego de ataúde como a coisa mais morta que possa haver no comércio. Mas, como devemos esta comparação à sabedoria dos nossos antepassados, tenhamos todo o cuidado em não profaná-la, ou, do contrário, o país estará perdido. Assim pois, vocês hão de permitir-me repetir, com insistência, que Marley estava tão morto como um prego de porta.

Acaso Scrooge sabia que Marley estava morto?

Evidentemente, sim. Como poderia ser de outro modo? Marley fora seu sócio durante não sei quantos anos; Scrooge era seu único executor testamentário, o único administrador dos seus bens, seu único herdeiro, seu único amigo.

De resto, este triste acontecimento, mais que suficiente para perturbar qualquer outro, não o abatera a ponto de fazê-lo perder suas notáveis qualidades de homem de negócios, pois havia assinalado o dia dos seus funerais precisamente por uma especulação das mais felizes.

A menção dos funerais de Marley leva-me novamente ao ponto de partida. É absolutamente certo que Marley estava morto. Este ponto tem de ficar rigorosamente assentado, sem o que, a história que vou contar não apresentaria nada de extraordinário. Se nós não estivéssemos perfeitamente convencidos de que o pai de Hamlet se achava morto antes de levantar o pano do palco, o fato de vê-lo passear sobre suas próprias muralhas, por uma noite de tempestade, nos teria surpreendido tanto quanto se tal fato se tivesse dado com um fidalgo qualquer, que altas horas da noite se levantasse e temerariamente fosse errar em pleno descampado.

Scrooge não havia apagado jamais o nome de seu antigo sócio. Depois de tantos anos, ainda se lia sobre a porta de sua casa comercial o nome de Scrooge & Marley, pois Scrooge & Marley continuava como a razão social da firma. As pessoas que não estavam bem a par das coisas chamavam Scrooge ora por Scrooge, ora por Marley, mas Scrooge atendia pelos dois nomes indiferentemente.

Ah! Scrooge! Com que firmeza ele empunhava as rédeas dos negócios! Como este negociante sabia pegar e espremer, agarrar e tosquiá-lo o cliente e, sobretudo, não irritar ninguém. Duro e cortante como uma pedra-de-fogo, da qual jamais aço algum conseguiu arrancar uma única centelha generosa, Scrooge mostrava-se taciturno, arredo e isolado como uma ostra. Uma frieza interior enregelava-lhe os traços decrépitos, ressumbrava em seu nariz adunco, sulcava-lhe as faces, endurecia-lhe o andar, avermelhava-lhe os olhos, azulava-lhe os lábios finos e fazia sentir-se até mesmo em sua voz estridente. Uma espécie de neblina cobria-lhe a cabeça, os supercílios e o queixo pontiagudo. Esta frieza inóspita Scrooge a levava consigo aonde quer que fosse, de modo que seu escritório continuava gelido durante o mais intenso calor e não melhorava um grau nem mesmo pelo Natal.

Quanto à temperatura exterior, pouca influência exercia sobre ele. Nenhum calor poderia aquecê-lo, assim como o mais rigoroso inverno não conseguiria transpassá-lo. Não havia rajada mais áspera que ele, tempestade de neve mais implacável, chuva fina mais torturante. O mau tempo não sabia por onde pegá-lo. Chuva e granizo, neve e frio levavam sobre ele apenas uma vantagem: todos se mostravam, uma vez ou outra, pródigos de seus benefícios; Scrooge, nunca!

Ninguém, jamais, conseguiu pará-lo na rua para lhe dizer em tom amável: *Como vai, meu caro Scrooge? Quando terei o prazer de sua visita?*

Mendigo algum animava-se a implorar-lhe a caridade, nem nenhuma criança se atreveria a perguntar-lhe as horas. Nem uma única vez, em toda a sua existência, homem ou mulher havia-lhe perguntado sobre um caminho. Os próprios cães de cegos pareciam conhecê-lo, pois desde que o avistavam procuravam desviar seu pobre amo para junto de uma porta ou a um quintal qualquer, e ali, agitando a cauda, pareciam dizer: *É preferível não ter olhos a ter tão má catadura, meu pobre amo!*

Mas, que importava a Scrooge? Pois era justamente o que ele queria. Sua maior felicidade era abrir caminho através das estradas atravancadas da vida, tendo sempre a distância toda e qualquer simpatia humana.

\*\*\*\*\*

Um dia, um dos melhores do ano, e véspera de Natal, o velho Scrooge achava-se em seu escritório, a trabalhar. O frio era acre e penetrante, acompanhado de nevoeiro. Scrooge ouvia as pessoas que iam e vinham na pequena vi-

ela, esfregando as mãos e caminhando rapidamente para se aquecerem. Os relógios da cidade acabavam de soar três horas, mas já começava a escurecer, e as luzes principiavam a brilhar no interior dos escritórios vizinhos, pontilhando de manchas avermelhadas a atmosfera cinzenta e quase palpável do crepúsculo.

O nevoeiro infiltrava-se por todas as fendas, invadindo o interior das casas pelo buraco das fechaduras; fora, era tão denso, que, não obstante a estreiteza da viela, as casas fronteiriças se tinham tornado imprecisos fantasmas. Diante desta onda cinzenta que descia progressivamente, ameaçando envolver tudo em sua obscuridade, poder-se-ia crer que a natureza inteira se havia posto ali a fabricar a chuva e a neve.

A porta de Scrooge estava aberta de modo a permitir-lhe observar seu empregado, que se achava copiando cartas no compartimento contíguo, lúgubre cubículo que mais parecia uma cisterna. O fogo de Scrooge era bem insignificante, mas o de seu empregado era tão miserável que parecia não passar de uma única brasa. E tornava-se impossível alimentá-lo, pois que Scrooge conservava junto de si a lata de carvão, e quando o pobre rapaz entrava, com a pá na mão, Scrooge declarava que era obrigado a dispensar os serviços de um homem tão gastador. Diante disso, o pobre homem, enrolando-se em seu cachecol branco, procurava aquecer-se na chama da lamparina, o que não conseguia, por não ser dotado de uma imaginação suficientemente viva.

– Bom Natal, meu tio, e que Deus o ajude! – exclamou uma voz jovial.

Era a voz do sobrinho de Scrooge, cuja entrada no escritório fora tão imprevista, que este cordial cumprimento foi o único aviso com que o rapaz se fizera anunciar.

– Tolice! Tudo isso são bobagens!

O sobrinho de Scrooge, que havia caminhado apressadamente no meio da bruma gélida, tinha o rosto incendiado pela corrida. Seu rosto simpático estava vermelho, os olhos brilhavam, e, quando falava, seu hálito quente transformava-se numa nuvem de vapor.

– Natal, uma bobagem, meu tio? Parece que o senhor não refletiu bem!

– Ora! – disse Scrooge. Feliz Natal! Que direito tem você, diga lá, de estar alegre? Que razão tem você de estar alegre, pobre como é?

– E o senhor – respondeu alegre e zombeteiramente o sobrinho –, que direito tem de estar triste? Que razão tem o senhor de estar acabrunhado, rico como é?

Não encontrando no momento melhor resposta, Scrooge repetiu novamente:

– Tolice! Tudo isso são bobagens!

– Vamos, meu tio! Não se amofine! – disse o jovem.

– Como não me amofinar, – replicou o tio, – quando vivemos num mundo cheio de gente ordinária? Feliz Natal!... Que vá para o diabo o seu feliz Natal! Que representa para você o Natal, a não ser uma época em que você é obrigado a abrir o cordão da bolsa já magra? Uma época em que você se faz mais velho um ano e nem uma hora mais rico? Em que você, fazendo um balanço, verifica que ativo e passivo equilibram, sem deixar nenhum resultado? – Se fosse eu quem mandasse, – continuou Scrooge indignado, – cada idiota que percorre as ruas com um “feliz Natal” na ponta da língua seria condenado a ferver em sua marmita, em companhia de seu *bolo de Natal*, e a ser enterrado com um galho de azevinho espetado no coração. Pronto!

– Meu tio! – exclamou o jovem.

– Meu sobrinho, – tornou o tio num tom severo –, pode festejar o Natal a seu modo, mas deixa-me festejá-lo como me aprouver.

– Como lhe aprouver? Mas o senhor não o festeja absolutamente!

– Perfeitamente! – disse Scrooge; – então, dê-me a liberdade de não o festejar. Quanto a você, que lhe faça bom proveito! O proveito que você tem tido até hoje...

– Há muita coisa de que eu não soube tirar o proveito que poderia ter tirado, é certo, e o Natal é uma delas, – replicou o sobrinho. – Mas, pelo menos, estou certo de ter sempre considerado o Natal –

fora a veneração que inspiram sua origem e seu caráter sagrados – como uma das mais felizes épocas do ano, como um tempo de bondade e perdão, de caridade e alegria; o único tempo, que eu saiba, no decorrer de todo um ano, em que todos, homens e mulheres, parecem irmanados no mesmo comum acordo para abrir seus corações fechados e reconhecer, naqueles que estão abaixo deles, verdadeiros companheiros no caminho da vida e não criaturas diferentes, votadas a outros destinos. Assim, pois, meu tio, embora o Natal não me tenha posto nos bolsos uma única moeda de ouro ou de prata, estou convencido de que ele me fez e me fará muito bem, e é por isso que eu repito: Deus abençoe o Natal!

O empregado não pôde deixar de aplaudir, de seu cubículo, o sobrinho de Scrooge, mas, logo a seguir, caindo em si e notando sua inoportuna intromissão, pôs-se a remexer as brasas vigorosamente, acabando por apagá-las.

– Eu que o ouça mais uma vez, – disse Scrooge, – e você irá festejar o Natal no olho da rua. Quanto a você, meu amigo, continuou ele voltando-se para o sobrinho, você é de fato eloqüente; estou mesmo admirado de que ainda não tenha conseguido um lugar no Parlamento.

– Não se aborça, tio, e venha almoçar conosco amanhã.

Scrooge respondeu mandando-o para o diabo, e o fez de cara a cara.

– Mas, por quê? – exclamou o sobrinho. – Por quê?

– Por que foi que você casou? – perguntou Scrooge.

– Porque eu amava.

– Porque amava! – resmungou Scrooge. – Como se isso não fosse outra tolice maior ainda que festejar o Natal! Passe bem!

– Mas, meu tio! O senhor nunca vinha à minha casa antes do meu casamento. Por que arranja esse pretexto para não vir hoje?

– Boa noite! – disse Scrooge.

– Eu não espero nada do senhor; eu nada lhe peço. Por que não sermos bons amigos?

– Boa noite! – disse Scrooge.

– Lamento de todo o coração vê-lo assim tão obstinado. Não temos, que eu saiba, nenhum motivo de ressentimento. Foi em homenagem ao Natal que vim até aqui, e no espírito de Natal quero ficar até o fim.

– Boa noite! – disse Scrooge.

– E feliz Ano Novo!

– Boa noite! – replicou Scrooge.

O sobrinho, entretanto, saiu do escritório sem uma palavra de desagrado. Na porta, deteve-se para apresentar as boas-festas ao empregado, que, mesmo tiritando como estava, se mostrou mais amistoso que seu patrão, pois que respondeu ao jovem com felicitações cheias de cordialidade.

– Outro predestinado! – resmungou Scrooge ao ouvi-lo. Imaginem meu empregado a falar de *Feliz Natal* com apenas quinze xelins por semana, tendo mulher e filhos!

O tal *predestinado*, tendo acompanhado o sobrinho de Scrooge até à porta, fez entrar dois cavalheiros de fisionomia simpática e aparência distinta, os quais penetraram no escritório, tendo à mão, além do chapéu, vários papéis e documentos.

Na presença de Scrooge, inclinaram-se.

– *Scrooge & Marley*, parece-nos? – disse um deles, consultando os apontamentos. É ao senhor Scrooge ou ao senhor Marley que temos a honra de falar?

– O senhor Marley faleceu há cerca de sete anos. Morreu nesta mesma noite, fará seguramente sete anos.

– Não temos a menor dúvida de que a generosidade do sócio sobrevivente seja igual à dele, – disse um dos cavalheiros, apresentando os papéis que o autorizavam a pedir.

E não se enganava, pois que os dois sócios eram bem dignos um do outro.

Diante da inquietante palavra *generosidade*, Scrooge franziu o sobrolho, sacudiu a cabeça e devolveu os papéis.

– Nesta festiva época do ano, senhor Scrooge, – prosseguiu o cavalheiro, tomando uma pena –, parece ainda mais oportuno do que em nenhuma outra ocasião, arrecadar algum dinheiro para aliviar os pobres e os deserdados da sorte, que sofrem cruelmente os rigores do inverno. A muitos milhares de infelizes falta mesmo o estritamente necessário, e muitas outras centenas de milhares não conhecem o mais insignificante conforto

– Não há prisões? – perguntou Scrooge.

– Prisões não faltam, – disse o cavalheiro, largando a pena.

– E os asilos? Não fazem nada? – perguntou Scrooge.

– Sim, de fato, embora eu preferisse dizer o contrário.

– Então, as casas de correção estão em plena atividade?

– Sim, estão em plena atividade, senhor.

– Oh! Eu já estava receando, pelo que o senhor me disse há pouco, que alguma coisa tivesse interrompido uma atividade tão salutar, – disse Scrooge. Estou satisfeitíssimo por saber que tal não aconteceu.

– Persuadidos de que estas organizações não podem proporcionar ao povo o consolo cristão da alma e do corpo, de que ele tem tanta necessidade, tornou o cavalheiro, alguns dentre nós resolveram empreender uma coleta, cujo produto seria distribuído aos pobres, em forma de alimento, combustível e roupa. Escolhemos esta época do ano porque, mais que nenhuma outra, é aquela em que mais cruelmente se faz sentir a penúria e em que o conforto se torna mais doce. Quanto posso pôr em seu nome?

– Nada.

– Desejaria guardar o anonimato?

– Desejo que me deixem em paz; já que os senhores querem saber, é isso que eu desejo. Eu não faço banquetes para mim próprio pelo Natal, vou agora dar banquete aos vagabundos! Já faço muito em dar minha contribuição às organizações de que falamos ainda há pouco, e elas não ficam barato! Aqueles que tiverem necessidade que recorram a elas.

– Muitos não o podem fazer, outros preferem a morte.

– Se preferem a morte, – disse Scrooge –, está ótimo! Que morram! Isso virá diminuir o excesso de população. De resto, queiram desculpar-me, porém não estou bem a par dessa questão.

– Mas o senhor poderá tomar parte nela.

– Isso não me interessa, – replicou Scrooge. Um homem já faz muito, quando se ocupa dos seus próprios negócios, sem interferir nos negócios alheios. Os meus já me tomam todo o tempo. Boa noite, senhores.

Vendo claramente que era inútil insistir, os cavalheiros retiraram-se. Scrooge, satisfeito consigo mesmo, pôs-se novamente a trabalhar, com radiante bom-humor.

\*\*\*\*

Durante este tempo, o nevoeiro e a escuridão fizeram-se tão espessos, que muitas pessoas percorriam as ruas com tochas acesas na mão, oferecendo-se aos cocheiros para irem adiante dos cavalos iluminando o caminho. A antiga torre de uma igreja, cujo velho sino bimbalhante parecia espiar Scrooge continuamente através de sua janelinha gótica, tornara-se invisível e pôs-se a tocar as horas e os quartos de hora entre nuvens, com vibrações prolongadas e trêmulas, como se estivesse a bater os dentes lá no alto, no ar gelado.

O frio tornava-se intenso. Na rua principal, sobre a qual desembocava a viela, alguns operários, que reparavam o encanamento do gás, haviam acendido uma fogueira, em torno da qual se haviam aglomerado homens e mulheres, todos andrajosos, que aqueciam as mãos e olhavam o fogo com ar maravilhado. O bebedouro público, vendo-se abandonado, resolveu congelar-se. Os luminosos dos magazines, onde as bagas e as folhas de azevinho estavam sob o calor das lâmpadas nas vitrinas, imprimiam rubros reflexos nos rostos pálidos dos transeuntes.

As vitrinas dos restaurantes e dos bares ofereciam aos olhos uma apresentação esplêndida, um espetáculo deslumbrante, com o qual parecia impossível que os vulgares princípios da compra e da venda pudessem ter a menor relação. O prefeito, repimpado no majestoso edifício da Câmara, dava ordens a seus cinquenta cozinheiros e despenseiros para que o Natal fosse comemorado como se deve comemorar na casa de um prefeito. E mesmo o pobre alfaiate, que fora condenado na segunda-feira anterior a cinco xelins de multa por embriaguez e arruaça noturna, fazia seus preparativos dentro de sua miserável mansarda, batendo a massa do bolo do dia seguinte, enquanto sua esposa saía apressadamente, com o bebê ao colo, para comprar um pedaço de carne de vaca.

O nevoeiro adensava-se cada vez mais, e o frio se tornava cada vez mais áspero e penetrante. Um rapazinho de nariz arrebitado, roído pelo vento, glacial e voraz, como um osso por um cão, aproximou-se da porta para saudar Scrooge com uma cantiga de Natal. Mas, desde as primeiras palavras de *Deus vos salve, bom amigo, vos dê coração alegre*, Scrooge apanhou uma régua com um gesto tão enérgico, que o cantor fugiu espavorido, perdendo-se no nevoeiro e no frio.

Finalmente, chegou a hora de fechar o escritório.

Scrooge admitiu o fato, mas deixou seu tamborete bastante penalizado. O empregado, que em seu cubículo só aguardava este sinal, apressou-se em apagar o candeeiro e pôr o chapéu.

– Você há de certamente querer ficar livre todo o dia de amanhã? – disse-lhe Scrooge.

– Se isso não o aborrecer, senhor.

– Naturalmente que isso me atrapalha, – replicou Scrooge; e o que é mais, isso não é justo. Se eu descontasse meia coroa de seu ordenado, aposto que se sentiria prejudicado.

O empregado teve um sorriso pálido.

– E entretanto, – tornou Scrooge, você acha que não me prejudica, a mim, quando estou lhe pagando um dia para não fazer nada.

O empregado observou humildemente que isso acontecia apenas uma vez por ano.

– Bela desculpa para meter as unhas no bolso do seu patrão a cada 25 de dezembro! – disse Scrooge, abotoando o sobretudo até ao queixo. – Espero que seja mais pontual no dia seguinte pela manhã.

O empregado prometeu-o, e Scrooge saiu resmungando.

O escritório foi fechado num abrir e fechar de olhos, e o empregado também saiu, todo enrolado em seu cachecol branco, cujas extremidades pendiam para além da jaqueta, pois que ele desconhecia o luxo de um sobretudo. Em honra do Natal, desceu Cornhill fazendo escorregadelas, em companhia de um bando de rapazes; depois, rumou a toda velocidade para Camden, a fim de entrar em casa e começar a brincar de cabra-cega.

\*\*\*\*

Scrooge fez uma magra refeição na sombria espelunca em que costumava comer. Quando acabou de percorrer os jornais e de tornar a observar sua caderneta do banco, entrou em casa para deitar-se.

O apartamento em que residia era o mesmo em que vivera seu falecido sócio. Composto de vários compartimentos lúgubres e mal-iluminados, fazia parte de um prédio estranho, situado no fundo de um pátio, onde estava tão mal colocado, que se poderia pensar que ele viera parar ali em sua juventude, brincando de esconde-esconde com outras casas, e depois não encontrou mais seu caminho. Além de tudo isso, era velho e infundia o medo que inspiram as casas abandonadas, pois que ninguém, a não ser Scrooge, ali residia, estando ocupados os outros compartimentos com escritórios comerciais.

O pátio era de tal modo escuro, que Scrooge, não obstante conhecer de cor todos os seus pormenores, foi obrigado a atravessá-lo às apalpadelas. O nevoeiro e o granizo envolviam de tal modo o arcaico e sombrio alpendre, que parecia estivesse o gênio do inverno sentado no seu portal, engolfado em lúgubres meditações.

Agora, se existe um fato comprovado, é que a aldrava de ferro da porta não apresentava absolutamente nada de particular, a não ser que era bastante grossa. Outro fato indiscutível é que Scrooge estava acostumado a vê-la de manhã e de tarde, desde que morava naquela casa. Cumpre notar igualmente que Scrooge era tão destituído de imaginação como qualquer habitante de Londres, inclusive os membros da municipalidade e os aldermen. É necessário notar, também, que Scrooge não havia pensado um só instante em Marley desde a alusão que havia feito, naquela mesma tarde, à morte de seu antigo sócio, verificada sete anos antes. Isto posto, expliquem-me, se puderem, como pôde acontecer que Scrooge, ao meter a chave na fechadura, viu subitamente diante dele, e sem prévia transformação, não uma argola de aldrava, mas o rosto de Marley!

Sim, o rosto de Marley. Aquele rosto não estava, como o resto do pátio, mergulhado nas trevas impenetráveis, mas aureolado de um estranho clarão fosforescente. Sua expressão não era nem ameaçadora nem bravia, e olhava para Scrooge como Marley costumava olhá-lo, com os óculos sobre a testa de espectro. Os cabelos se lhe agitavam de modo estranho, levantados, parecia, por um sopro ou uma corrente de ar quente; e seus olhos, embora bem abertos, estavam perfeitamente imóveis.

A aparição, com aquela tez lívida e aquele olhar fixo, era horrível de se ver; entretanto, o horror que ela inspirava não procedia propriamente da expressão dos seus traços, mas de uma influência exterior, que se exercia de fora e como que a despeito dela mesma.

Mas quando, vencida a primeira perturbação, Scrooge examinou fixamente o estranho fenômeno, já não viu, de repente, nada mais que o simples anel da aldrava.

Dizer que ele não se amedrontou e não sentiu interiormente uma impressão extraordinária jamais experimentada até então, seria falso. Não obstante, deitou a mão sobre a chave, que havia deixado cair, fê-la voltar-se com decisão na fechadura, penetrou no vestíbulo e acendeu a vela.

Para dizer verdade, Scrooge teve um momento de hesitação antes de fechar a porta, e começou por examiná-la prudentemente pela parte de trás, como se receasse ver surgir no vestíbulo a ponta da cabeleira de Marley. Mas não havia nada naquele lado, exceto os parafusos e as porcas que fixavam a aldrava. Depois de tal vistoria, Scrooge murmurou: “Ora! Tolices!” e tornou a fechar a porta bruscamente.

Aquele ruído propagou-se por toda a casa como o rolar de um trovão. Todos os cômodos do pavimento superior, todas as pipas do negociante de vinho, na adega, embaixo, repetiram aqueles ruídos com sonoridades várias. Mas Scrooge não era homem que se deixasse amedrontar com ecos. Trancou a porta, atravessou o vestíbulo e subiu a escada calmamente, protegendo a vela.

Costuma-se falar algumas vezes das escadas antigas, pelas quais poderia passar facilmente um carro puxado por seis cavalos. Pois bem: eu posso afirmar que na escada de Scrooge se teria podido fazer passar um carro grande, e até mesmo pô-lo atravessado, com os varais para a parede e a traseira para o lado da balaustrada: haveria todo o espaço necessário, e mais ainda.

Foi talvez por esta razão que Scrooge pareceu ver um carro fúnebre subir diante dele, na escuridão. Meia dúzia de lampiões teriam sido insuficientes para aclarar os enormes baixos da escada: imaginem agora o que poderia fazer aquela simples velinha de Scrooge.

Completamente despreocupado, Scrooge continuava a subir. A escuridão não custa dinheiro, e era por isso que Scrooge gostava da escuridão. Do mesmo modo, antes de fechar a pesada porta do seu apartamento, percorreu todas as dependências, para certificar-se de que nada havia de anormal. Ele havia guardado da aparição uma impressão forte o suficiente para justificar esta medida.

A sala, o quarto de dormir, o quarto de despejo, tudo conservava seu aspecto habitual. Não havia ninguém debaixo da mesa, ninguém debaixo do sofá. Um resquício de lume no fogão, uma xícara e uma colher preparadas sobre a grade da lareira, uma canequinha de remédio (Scrooge sofria de enxaqueca). Ninguém debaixo da cama, ninguém no armário embutido, ninguém no robe de chambre, que pendia encostado à parede, numa atitude suspeita. No quarto de despejo, não havia senão, como habitualmente, um velho guarda-fogo, sapatos usados, duas cestas, um penteador cambaio e uma pá de carvão.

Completamente tranqüilizado, Scrooge fechou a porta, dando a primeira volta à chave, depois a segunda volta, o que não costumava fazer. Posto assim ao abrigo de surpresas, tirou a gravata, enfiou o roupão, calçou as chinelas, pôs o boné de noite e sentou-se diante do fogo para beber sua xícara de remédio.

O fogo era bastante fraco e de todo insuficiente para uma noite tão fria. Scrooge foi obrigado a sentar-se bem encostado e a inclinar-se sobre ele para conseguir obter deste insignificante punhado de combustível uma leve sensação de calor.

A lareira era antiga. Construída, outrora, por algum antigo comerciante holandês, era inteiramente revestida de azulejos de faiança, representando cenas da Bíblia. Havia Cains e Abéis, filhas de Faraós e rainhas de Sabá, angélicos mensageiros que desciam do céu sobre nuvens de arminho; Abraões e Baltasares, apóstolos que se aventuravam no tenebroso oceano em pequeninos batéis... Assim, lá estavam centenas de personagens para ocupar e distrair o pensamento de Scrooge.

Entretanto, como a antiga vara do profeta, o rosto de Marley, morto havia sete anos, vinha sobrepor-se a tudo isto. Se a superfície destes azulejos fosse totalmente branca e dotada da propriedade de representar um fragmento que fosse o pensamento de Scrooge, sobre todos eles estaria estampada uma cópia da cabeça de Marley.

– Idiotices!... – disse Scrooge, levantando-se e pondo-se a passear de um lado para outro.

Depois de ter percorrido o aposento muitas vezes seguidas, voltou a sentar-se. Como inclinasse a cabeça para trás, seus olhos pousaram, casualmente, sobre uma campainha já fora de uso, que pendia da parede e que se comunicava, não se sabe por quê, com uma das mansardas da casa.

Scrooge ficou tomado do mais vivo espanto, e ao mesmo tempo de um indescritível e inexplicável pavor, quando viu mover-se o cordão da campainha, que começou a balançar-se primeiro vagarosamente, quase imperceptível, e, em seguida, violentamente, ao mesmo tempo em que todas as campainhas da casa entraram a soar ruidosamente.

Este tumulto durou aproximadamente meio minuto, quando muito um minuto, mas que pareceu interminável a Scrooge. E as campainhas, do mesmo modo como começaram, também silenciaram ao mesmo tempo.

A este alarido infernal, sucedeu um barulho metálico, oriundo das profundezas da casa, como se alguém, no interior da adega, arrastasse pesadas correntes. Então, Scrooge lembrou-se de ter ouvido dizer que, nas casas mal-assombradas, os duendes arrastam sempre grossas cadeias atrás de si.

A porta da adega abriu-se violentamente, e o estrépito fez-se ouvir mais vivo no rés-do-chão, depois na escada, e, aproximando-se cada vez mais, dirigiu-se em linha reta para a porta do apartamento.

– Idiotices!... – disse Scrooge. Não acredito nisso, não!

Mas imediatamente mudou de cor, quando, sem deter-se um só instante, o misterioso visitante atravessou a porta maciça e apresentou-se diante dele.

A sua entrada, o fogo bruxuleante lançou uma derradeira labareda, que pareceu gritar: “Eu o reconheço: é o espectro de Marley! E apagou-se.

Era a mesma fisionomia, absolutamente a mesma. Marley, tendo na cabeça a mesma peruca, vestindo o mesmo colete, as calças justas e as botinas que usava habitualmente. O couro das botas, o topete e o rabicho da peruca ar-repiavam-se, e as abas de sua casaca balançavam. Cingia-lhe o corpo a longa corrente que trazia, e que serpenteava atrás dele como uma cauda. Scrooge, que a examinava atentamente, viu que era formada de cofres-fortes, de chaves, de cadeados, de registros e de pesadas bolsas de aço.

Como o corpo do espectro era transparente, Scrooge pôde observar, através do seu colete, os dois botões pregados no corpo do casaco pela parte de trás.

Scrooge ouvira dizer, por mais de uma vez, que Marley não tinha entranhas, mas até então ele jamais pudera acreditar.

Não! Mesmo agora Scrooge não podia acreditar em semelhante coisa. Não lhe importava ver diante de si aquele fantasma, que seu olhar atravessava como se fora de vidro; não lhe importava sentir o olhar glacial dos seus olhos mortos, nem reparar no próprio tecido de que era feito o lenço que lhe envolvia a cabeça e o queixo – minúcia que não lhe havia chamado a atenção nos primeiros momentos.

Não, Scrooge continuava incrédulo e lutava contra os próprios sentidos.

–Pois bem! – disse Scrooge, frio e mordaz como de costume. –Que quer de mim?

– Muita coisa.

Já não podia haver a menor dúvida: era exatamente a voz de Marley.

– Quem é você? – perguntou Scrooge.

– Pergunte, antes, quem eu era ...

– Então, quem era você? – tornou a perguntar Scrooge elevando a voz. – Para ser um espectro acho-o muito real.

– Em vida, fui Jacob Marley, teu sócio.

– Pode... sim... pode sentar-se? – perguntou Scrooge, olhando-o com ar de dúvida.

– Posso.

– Então, sente-se.

Scrooge havia feito esta pergunta porque duvidava que um ser assim tão transparente pudesse acaso tomar um assento, o que obrigaria seu visitante, no caso de impossibilidade, a uma explicação bastante embaraçosa.

O fantasma, porém, sentou-se do outro lado da lareira, com a maior naturalidade deste mundo.

– Não acreditas em mim? – perguntou ele.

– É claro que não, – respondeu Scrooge.

– Que provas desejas da realidade da minha presença, fora do testemunho dos teus sentidos?

– Nem sei.

– Por que duvidas dos teus sentidos?

– Pela simples razão, – respondeu Scrooge –, de que não precisa muita coisa para perturbá-los. Não precisa mais que uma ligeira indisposição de estômago. Quem pode provar que, afinal de contas, tudo isto não passe de uma bisteca mal digerida, uma colher de mostarda, um naco de queijo ou uma batata mal cozida. Quem quer que seja, você cheira mais a cerveja que a defunto.

Scrooge não costumava de modo algum fazer gracejos, e especialmente neste momento não lhe apeteciam pilhérias. Para dizer a verdade, se se mostrava espirituoso, era mais para enganar a si próprio e dissipar o seu pavor, pois a voz do espectro o apavorava até o mais íntimo recesso do seu ser.

Contemplar em silêncio estes olhos fixos vítreos era para Scrooge uma provação acima de suas forças. O que lhe parecia igualmente horrível era a atmosfera infernal que envolvia o fantasma. Scrooge não podia senti-la por si próprio, mas reconhecia claramente a sua presença porque, muito embora o espectro se conservasse imóvel, sua cabeleira, as borlas de suas botas e as abas do seu casaco não paravam de agitar-se, como se fossem movidas pelo cáldido sopro de uma fornalha.

– Está vendo este palito? – disse Scrooge, voltando vivamente à carga, pela mesma razão exposta e para desviar de sobre si, ainda que fosse por apenas um segundo, o olhar vítreo da aparição.

– Vejo, – respondeu o fantasma.

– Mas você não está olhando para ele, – observou Scrooge.

– Mas estou vendo, – disse o fantasma.

– Pois bem! – continuou Scrooge –, basta que eu o engula para ser perseguido, até o fim dos meus dias, por uma legião de espíritos imaginários, todos nascidos do meu estômago. Tolices! Posso afirmar-lhe. Tudo tolices!

A estas palavras, o fantasma soltou um tremendo urro e agitou com tal violência as suas cadeias, fazendo um barulho tão sinistro e pavoroso, que Scrooge foi obrigado a agarrar-se à poltrona para não desmaiar. Mas seu espanto recrudescceu ainda mais quando o fantasma, retirando o lenço que lhe envolvia a cabeça, como se o sufocasse o calor, deixou cair sobre o peito o maxilar inferior.

Scrooge lançou-se de joelhos, escondendo o rosto entre as mãos.

– Misericórdia! – exclamou ele. O pavorosa aparição, por que me vem atormentar?

– Miserável criatura, tão apegada aos bens da terra! Acreditas em mim, agora?

– Sim, – balbuciou Scrooge –, creio! Sou obrigado a crer! Mas por que vagam os espíritos sobre a terra, e por que me vêm eles perturbar?

– Deus exige de cada homem, – respondeu o espectro –, que o espírito que o anima se consubstancie com as almas de seus semelhantes no decurso de sua longa viagem pela vida. Assim, pois, aquele que viver só para si durante a existência, é condenado a viver errante pelo espaço após a morte – ó miserável destino! – para assistir, já agora impotente, a todas as coisas em que, durante a vida, poderia ter tomado parte para sua felicidade e a de seu próximo.

Novamente o espectro deu um grito, ao mesmo tempo que agitava as cadeias e retorcia as mãos transparentes.

– Você está acorrentado! – disse Scrooge com voz trêmula. – Diga-me por quê.

– Estou acorrentado com as cadeias que forjei para mim mesmo durante a vida. Forjei-a elo por elo, palmo a palmo. Trago-a agora por minha livre vontade, e é de livre vontade que a tenho usado. Estás estranhando o modelo?

Scrooge tremia cada vez mais.

– Desejas saber, proseguiu o fantasma, o peso e o comprimento da cadeia que trazes em torno da tua cintura? Há sete anos, precisamente numa noite de Natal, ela era tão comprida e tão pesada quanto esta. Desde então tens trabalhado muito nela. Neste momento, é uma corrente de considerável dimensão.

Scrooge deitou um olhar febril para o soalho, como se já se visse enlaçado por cinquenta ou sessenta metros de corrente de ferro. Mas nada viu.

– Jacob, – disse ele com voz suplicante, meu velho Jacob Marley! Diga-me ainda alguma coisa! Dê-me um pouco de conforto, um pouco de esperança!

– Já não posso confortar ninguém, – respondeu o fantasma. O consolo e a esperança vêm de outra fonte, Ebenezer Scrooge. São trazidos por outros mensageiros e para outros homens, não para ti. Além do mais, não posso conversar tanto quanto eu desejara. O que me é permitido dizer-te ainda é pouca coisa, pois não tenho permissão para descansar, nem para deter-me, nem para demorarme onde quer que seja. Noutros tempos, meu espírito não saía jamais do nosso escritório, estás me compreendendo? Nunca, durante minha vida, meu espírito se resolveu a afastar-se dos estreitos limites do nosso covil de negociatas. Eis por que tenho diante de mim tantas e tão penosas viagens.

Scrooge tinha o hábito de meter as mãos nos bolsos, quando refletia; e foi assim que, enquanto meditava sobre as últimas palavras do fantasma, dirigiu-lhe a palavra, mas sem erguer os olhos e sempre ajoelhado.

– É preciso que você tenha sido bem lento, Jacob! – observou ele com voz onde transparecia o homem de negócios ao mesmo tempo humilde e obsequioso.

– Bem lento! – repetiu o espectro.

– Você morreu há sete anos, – disse Scrooge pensativo, e todo esse tempo perambulando?

– Todo o tempo, – disse o espectro; sem repouso e sem trégua, com a eterna tortura do remorso.

– Viaja com rapidez? – perguntou Scrooge.

– Nas asas do vento.

– Você deve ter percorrido muitos países durante estes sete anos, – disse Scrooge.

A estas palavras, o espectro deu ainda um grito e sacudiu as suas correntes com um tal fragor, que cortou ruidosamente o profundo e gélido silêncio da noite.

– Oh, um desgraçado prisioneiro, acorrentado e carregado de ferros! – exclamou o fantasma –, por ter olvidado que todo homem deve associar-se à grande obra da humanidade, prescrita pelo Onipotente, e perpetuar o progresso. Por não saber que uma alma verdadeiramente cristã, que trabalha generosamente dentro de sua esfera, por muito pequena que seja, sempre achará que sua vida mortal é demasiado breve para realizar todo o bem que ela vê por fa-

zer-se em redor de si. Por não saber que uma eternidade de lágrimas não pode reparar uma vida mal vivida!... Pois bem, era assim que eu vivia, era assim que eu vivia!

– Entretanto, Jacob, – balbuciou Scrooge, que começava a tomar para si mesmo as palavras do espectro –, você foi sempre um excelente homem de negócios.

– Os negócios! – gemeu o fantasma retorcendo as mãos. – A humanidade, o bem comum, a indulgência, a caridade, a misericórdia, a benevolência, esses deviam ter sido os meus negócios!

O espectro ergueu suas cadeias com a extremidade do braço, como se visse nelas a causa do seu inútil desespero, deixando-a em seguida cair pesadamente ao chão.

– Quando chega esta época do ano, – prosseguiu ele –, meus sofrimentos redobram. Por que fui eu tão insensato para ter passado no meio da multidão dos meus semelhantes, sempre com os olhos voltados para o chão, sem jamais erguê-los para aquela bendita estrela, que um dia conduziu os magos para uma pobre choupana? Não haveria outras pobres choupanas, aonde a luz me pudesse ter guiado a mim também?

Scrooge tremia como vara verde, ouvindo o espectro falar daquele modo.

– Ouve-me, – gritou o fantasma. Meus minutos são contados.

– Estou ouvindo! – disse Scrooge –, mas tenha pena de mim. Eu lhe peço Jacob, não faça muitos rodeios!

– Seria difícil dizer por que é que estou aparecendo diante de ti sob forma visível. Aliás, por mais de uma vez já me sentei a teu lado, invisivelmente.

Esta revelação foi assustadora. Scrooge, estremecendo, enxugou a testa banhada de suor.

– Mas não é esse o meu maior suplício, – continuou o espectro. – Vim esta noite para avisar-te de que ainda te resta uma esperança, uma oportunidade de escapar a um destino semelhante ao meu. É uma esperança, uma oportunidade que eu venho trazer-te, Ebenezer.

– Oh, mil vezes obrigado! – exclamou Scrooge. – Você foi sempre um bom amigo para mim.

– Vais ser visitado por mais três espíritos, – continuou o fantasma.

O semblante de Scrooge tornou-se tão lívido como o do próprio espectro.

– É essa, então, a esperança ou a oportunidade de que você me falou, Jacob? – perguntou ele com a voz débil.

– Exatamente.

– Eu... Eu preferia que isso não acontecesse.

– Se não receberes a visita deles, podes perder a esperança de escapar a um destino igual ao meu. Aguarda a visita do primeiro espírito amanhã ao bater da uma hora.

– Não seria melhor que viessem todos juntos, para acabar mais depressa com isso? – sugeriu Scrooge.

– O segundo aparecerá na noite seguinte, à mesma hora, e o terceiro na outra noite, ao bater a última badalada da meia-noite. Não esperes tornar a ver-me, e não te esqueças, no teu próprio interesse, de conservar a lembrança de tudo que se passou entre nós.

Dito isto, o espectro apanhou seu lenço sobre a mesa e o amarrou, como antes, em torno da cabeça. Scrooge só o notou, quando ouviu o seco estalido que produziram os dois maxilares ao se encontrarem. Arriscando um olho, viu seu visitante sobrenatural em pé diante dele, ereto, as cadeias enroladas no braço. A aparição afastou-se, de costas, e, à medida que se distanciava, a janela abria-se progressivamente até que, quando o espectro a alcançou, ela estava completamente aberta.

O espectro fez sinal a Scrooge que se aproximasse.

Quando estiveram apenas a dois passos um do outro, o espectro ergueu o braço. Scrooge deteve-se.

Deteve-se, menos para obedecer ao fantasma do que por um sentimento de surpresa e de medo, pois que, simultaneamente ao gesto do fantasma, começava a ouvir estranhos e confusos ruídos por toda a casa, vozes plangentes que se misturavam umas às outras, onde se confundiam remorsos e desesperos.

Após ter escutado um instante, o espectro passou pela janela, juntou-se ao fúnebre cortejo e desapareceu na gélida escuridão. Scrooge, tomado de incoercível curiosidade, chegou à janela e, então, presenciou um estranho espetáculo.

\*\*\*\*

O ar estava povoado de almas perdidas, que perambulavam e rodopiavam interminavelmente, soltando gemidos, e cada uma delas trazia uma corrente, como o espectro de Marley. Alguns destes fantasmas, talvez os membros de algum mau governo, estavam amarrados juntos. Nenhum estava livre.

Scrooge notou entre eles alguns de seus antigos conhecidos, entre os quais um velho fantasma de colete branco, com quem tivera freqüentes relações.

Em seu tornozelo, estava amarrado um cofre-forte descomunal, e Scrooge notou que a visão de uma mendiga acorçada ao pé de uma sacada, com seu bebê ao colo, lhe arrancava tristes lamentações de pena por não poder socorrê-la.

Percebia-se, claramente, que o maior tormento destes infelizes era o ardente desejo de praticar o bem sobre a terra, justamente agora que essa possibilidade lhes havia escapado para sempre.



Scrooge não poderia dizer se todos aqueles fantasmas se dissiparam no intenso nevoeiro, ou se foi o nevoeiro que os envolveu. O certo é que todos desapareceram ao mesmo tempo dentro da noite, e o espaço ficou silencioso e ermo, como no momento em que ele voltara para casa.

Fechada novamente a janela, Scrooge examinou cuidadosamente a porta por onde o fantasma havia entrado. Estava fechada com dupla volta, e os ferrolhos estavam intactos.

Scrooge ia dizer: *Tolices*, mas não foi além da primeira sílaba. Apoderara-se dele uma incoercível necessidade de repouso, fosse, talvez, devido às fadigas e às emoções do dia, fosse pela sua fuga ao mundo dos espíritos e pela sinistra conversa que tivera com o espectro, ou talvez mesmo pelo adiantado da hora.

## SEGUNDA ESTROFE

### *O primeiro dos três espíritos*

Quando Scrooge despertou, a escuridão era tão profunda que, de seu leito, mal podia distinguir a janela transparente e as escuras paredes do quarto. No momento em que se esforçava para romper a intensa treva que envolvia seus olhos, ouviu bater numa igreja das vizinhanças os quatro quartos.

Scrooge aguçou os ouvidos para escutar as horas que iam bater.

Com grande surpresa, o pesado carrilhão deu as seis... as sete... as oito... e assim, ritmadamente, até as doze.

Meia-noite!

Eram mais de duas horas quando Scrooge se atirara sobre o leito. Não era possível! O relógio devia estar louco. Alguma coisa devia ter-lhe embaraçado o maquinismo! Meia-noite!

Scrooge premiu a mola do seu relógio de repetição para verificar a exatidão daquele relógio idiota. A minúscula engrenagem bateu rapidamente as doze vibrações e parou.

– Vejamos, – disse Scrooge. – É impossível que eu tenha dormido o dia inteiro e uma parte da noite. Acaso terá acontecido alguma coisa ao sol e seja agora meio-dia em vez de meia-noite?

Bastante alarmado com esta idéia, ergueu-se do leito e dirigiu-se para a janela, a tatear, como um cego. A primeira coisa que fez foi passar a manga do roupão pela vidraça, que a neblina embaçava, e mesmo assim quase nada conseguiu distinguir fora.

A coisa única que pôde verificar é que o nevoeiro continuava espesso, como dantes, e que o frio era demasiado intenso; notou, ainda, que já não se ouviam as idas e vindas das pessoas atarefadas, o que certamente se ouviria, se já estivesse clareando o dia.

Este fato foi para ele um grande alívio, pois o que seria dele com as suas *letras a pagar a três dias da data ao sr. Ebenezer Scrooge ou à sua ordem*, se ele não dispusesse de dias para contar o tempo?

Scrooge tornou a deitar-se, o pensamento vagando sobre o que poderia ter acontecido, mas por mais que quebrasse a cabeça para a decifração de tão complicado enigma, nada conseguiu desvendar.

Quanto mais ruminava o caso, mais perplexo ficava, e quanto mais se esforçava por não pensar no caso, mais o caso assoberbava o seu pensamento.

A lembrança do espectro de Marley causava-lhe um profundo tormento. Cada vez que chegava a convencer-se de que, afinal de contas, todo o ocorrido não fora mais que um sonho mau, crac! lá estava seu espírito novamente às voltas com o problema, no próprio ponto de partida, formulando novamente a mesma pergunta: “Era ou não era um sonho?”

Scrooge permaneceu nesta agonia até o momento em que o carrilhão bateu os três quartos. Foi então que se lembrou, subitamente, de que o espectro lhe havia renunciado a visita de um espírito quando batesse uma hora da manhã. Nestas condições, resolveu ficar acordado até chegar a uma hora da manhã. Diga-se de passagem que esse foi o melhor caminho a seguir, especialmente levando-se em conta que mais fácil lhe fora chegar até o mundo da lua do que tornar a adormecer.

Este quarto de hora foi tão interminável, que lhe pareceu, mais de uma vez, ter dormido e deixado passar a hora.

Finalmente, o carrilhão fez-se ouvir aos seus inquietos ouvidos:

– Ding, dong!

– Um quarto... – contou Scrooge, escutando atentamente.

– Ding, dong!

– Meia hora.

– Ding, dong!

– Três quartos.

– Ding, dong!

– A hora! – exclamou Scrooge triunfante. – A hora, e nada!

Mas é que Scrooge falava antes de ouvir o bater da uma hora da manhã no pesado badalar do carrilhão.

E o badalar da uma hora da manhã fez-se ouvir, lúgubre, fúnebre, surdo e melancólico. Imediatamente, uma víssima claridade invadiu o aposento de Scrooge, ao mesmo tempo que as cortinas do seu leito foram puxadas por uma mão invisível.

Porém, não eram as cortinas dos pés nem as da cabeceira do leito de Scrooge, mas as que estavam diante de seus olhos, aquelas para as quais seus olhares estavam voltados. Então Scrooge, sentando-se bruscamente, achou-se frente a frente com o sobrenatural visitante que havia afastado as cortinas do leito.

Era uma estranha aparição.

A primeira vista, ter-se-ia a impressão de ver-se uma criança, mas, a um exame mais minucioso, verificava-se que seria antes um velho, um ancião visto através de uma atmosfera sobrenatural, que lhe dava uma aparência longínqua e o reduzia às proporções de uma criança. Seus cabelos, brancos como os de um homem de idade, caíam-lhe pelos ombros; seu rosto, entretanto, não apresentava a menor ruga, e sua tez era de uma deliciosa frescura. Os braços, longos e musculosos, bem como suas mãos robustas, denunciavam extrema força. As pernas e os pés, finamente modelados, estavam nus como os membros superiores.

O ancião vestia uma túnica de puríssima alvura, apertada à cintura por uma faixa luminosa, que brilhava com refulgente esplendor; à mão, trazia um ramo de azevinho e, em fundo contraste com este símbolo do inverno, sua túnica era toda bordada de flores primaveris. Mas o que apresentava de mais curioso era o facho de luz que se desprendia do ápice de sua cabeça, e graças ao qual todos estes pormenores podiam ser notados. Este fenômeno explicava a presença do grande apagador em forma de chapéu que trazia embaixo do braço, e com o qual devia cobrir-se em seus momentos de tristeza.

Entretanto, observando-a com mais atenção, Scrooge notou que a aparição apresentava uma particularidade ainda mais extraordinária. Do mesmo modo que sua cintura resplandecia ora num ponto, ora noutra, e que um ponto ainda há pouco luminoso agora estava escuro, todo o seu corpo mudava constantemente de aspecto, mostrando-se ora com um só braço, ora com uma só perna, ou então com vinte pernas, mas sem cabeça, ou então uma cabeça sem corpo. Das várias partes que desapareciam, nem um único contorno ficava visível naquela extrema escuridão em que se envolviam. E no meio de todas estas estranhas metamorfoses, a aparição retomava, de súbito, sua primeira forma, nítida e perfeita como antes.

– Sois vós o espírito, cuja visita me foi anunciada? – perguntou Scrooge.

– Sim.

Aquela voz era doce e agradável, mas singularmente fraca, como se, em vez de estar tão próxima, viesse de muito longe.

– Então, quem sois vós? – perguntou Scrooge.

– Sou o fantasma dos Natais passados.

– Passados desde quando? – interrogou Scrooge, observando o seu talhe delgado.

– Somente os do teu passado.

Scrooge sentia um ardente desejo de vê-lo coberto com o chapéu que trazia à mão; se alguém lhe perguntasse qual a razão disto, jamais teria sabido responder.

– Como? – exclamou o fantasma. – Queres tão depressa extinguir, com as tuas mãos profanas, a fulgurante luz que resplandece em mim? Não te basta seres daqueles cujas paixões me teceram este chapéu e que me forçaram tantas e tantas vezes a enterrá-lo até aos olhos?

Scrooge declarou respeitosamente não ter tido a menor intenção de ofender o espírito e afirmou não lembrar-se jamais de o ter forçado, em toda a sua vida, a “usar” aquele chapéu. Em seguida, atreveu-se a perguntar-lhe o que o trazia ali.

– Tua felicidade, – respondeu a aparição.

Scrooge declarou-se profundamente agradecido, mas não deixou de pensar que uma noite de repouso teria corrido mais eficazmente para este resultado.

O espírito pareceu ler seu pensamento, pois no mesmo instante falou:

– Tua salvação, se preferes. Ouve-me!

Assim falando, estendeu a mão para Scrooge e tomou-o levemente pelo braço.

– Levanta-te, e vem comigo.

\*\*\*\*

Teria sido inútil a Scrooge responder que nem o tempo, nem aquele momento eram propícios para um passeio a pé; que sua cama estava tão quentinha e que o termômetro estava muitos graus abaixo de zero; que, além disso, estava vestido apenas com o roupão, com o boné de noite e de chinelos, e que, para rematar, estava muito gripado.

A pressão exercida pela mão do espírito, porém, tão doce como se fora a de uma mulher, era de todo irresistível. Assim, pois, Scrooge levantou-se, mas vendo que o espírito se dirigia para a janela, tocou-lhe a túnica e falou com voz súplice:

– Oh, senhor! Sou apenas um mortal e posso cair!

– Deixa-me apenas segurar-te por aqui, – disse o espírito pondo a mão sobre o coração de Scrooge, e serás capaz de enfrentar muitos outros perigos.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

